



A RISOTA

Semanário humorístico
Director: Augusto de Santa-Rita

Como diz o sapateiro de Braga:
**Ou há moralidade
ou comem todos!...**



(Desenho de Leal da Câmara)

1939

BAGATELAS

A RISOTA

BAGATELAS

Editor: FRANCISCO DE ABREU JUNIOR

Propriedade da Livraria Bertrand, S. A. — Rua Garrett, 73, 75

Redacção e Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Telefone 2 0535

Composto e Impresso: Bertrand (Irmãos), L.ª — Travessa Condessa do Rio, 27 — Lisboa

A «BLAGUE» DA RISOTA

— Ouve, Adozinda: eu quizera ser pá-gão, voltar aos tempos saúdosos em que a terra era uma veiga refflorida, um poema eternal com cânticos rendilhados na espuma dos oceanos azuis — por onde viajaram as asas doiradas do sonho. Minha alma não é para habitar o cubículo estreito da nossa época onde os roseirais da Ventura murcharam sôbre a neve do martírio... Escuta, Adozinda: eu quizera ser um poeta de raça para cantar em rimas de ouro a graça do teu cabelo e os abismos do teu olhar sereno; levar-te nos corceis brancos da minha fantasia pelos espaços que só os condores conhecem, que só as águias demandam orgulhosas... Tu serias a eleita de todas as eleitas e viverias a eternidade das esfinges perdidas no grande deserto. Noivariamos à sombra das palmeiras junto dos rios sementeados de arabescos, ralhadores e nostálgicos... O perfume da tua voz envergonharia as olaias e o sorriso da tua boca helénica e grácil, minúscula como um beijo, faria estremeçar a brisa por entre os arvoredos adormecidos... Teu seio teria o ritmo estatutário duma canção da Grécia, e na luz das tuas pupilas scismadoras arderiam caricias languês, evocativas de eterneçadores idílios. Eu seria o Cavaleiro da Aurora, vencedor dos mal dragões do Tédio — possuindo o garbo gentil dum trovador mediêvo sempre enamorado.

Minha alma ajoelhará a teus pés pequenos e brancos e teu coração sentiria um arraial festivo de alegres vaidades. Beijaria, num soluço feito de cadências estranhas, as tuas mãos pálidas de prin-

cesa doída; a minha glória iria com o teu nome correndo a Terra tóda como uma borboleta de veludo amedrontada pela luz... Eis o que eu gostaria de tornar em realidades. Oh, como o meu sonho é longo e como a claridade fascina! Não dizes



nada, Adozinda? Dize, meu amor — meu amor de primavera em Abril floral...
— Olha, comprei esta manhã uma cafeteira que custou oito «palhaços»...

JORGE RAMOS



— Está lá? De que número fala?
— Aqui 7 2313! Quem fala?
— Desculpe incomodar... Quem está ao telefone é uma senhora loira, bonita, que tem um cãozinho *basset*?...
— Exactamente! Mas... que deseja?
— É que... eu moro em frente de V. Ex.ª...
— E depois?...
— Eu sou aquele sujeito meio calvo que costuma estar à janela do terceiro andar do prédio em frente e...
— Mas que quere o senhor, afinal?
— Sabe quem eu sou?
— Sei, perfeitamente! O senhor até tem um pijama amarelo, dum mau gôsto extraordinário!
— Exactamente! Eu sou o do pijama amarelo!

— O senhor resolve-se ou não a dizer o que deseja? Eu vou desligar o telefone! Sou uma senhora e...
— Também eu, minha senhora! Também eu sou um senhor. E se lhe telefonei, foi apenas para lhe fazer um pedido!
— Ah! Compreendo... Alguma rifazinha, não? Não quero!
— Nada disso, minha senhora!
— Quere então que eu me file numa liga de amigos dum qualquer pôsto de T. S. F.; não será isto?
— Também não me interessa!

— Mas se não é nada disso, minha cara vizinha!
— Diga então o que é! Mas despache-se, que eu tenho o banho à minha espera!
— Pois lá vai o meu pedido e desculpe



o atrevimento! Eu queria suplicar-lhe que não tornasse a sair à rua com aquele chapéu que tem um pássaro cinzento...
— Que pedido tão disparatado!
— Faça-me o que lhe peço!
— Mas explique-se!... Porque me faz esse pedido? Então esse meu chapéu faz-lhe assim tanta impressão?
— Não é por isso... É que...
— É que, o quê?
— É que minha mulher, cada vez que lho vê, farta-se de me ralar para eu lhe comprar um igual!... JOAO LINCE



— Há quinze dias que só como vegetais e ainda peso noventa quilos!
— O filha! Esqueces que o hipopótamo também é vegetariano...

* * *

No café:

— As mulheres, meu amigo, são tódas o mesmo! Minha mulher, quando quere alguma coisa, chora; minha filha quando chora, quere alguma coisa!

* * *

Entre técnicos de T. S. F.:

— O amigo sabe quem inventou a primeira máquina falante?
— Sei. Foi Deus no Paraíso e pôs-lhe o nome de mulher!

* * *

Na praia:

— A minha boa amiga talvez não saiba qual a semelhança que há entre um combóio parado em plena via e o chapéu que traz na cabeça?
— Qual é?
— É que ambos estão... fora da estação!...

* * *

Quasi o mesmo...

— Sabes quantos anos tem o Dias?
— Não. Mas posso dizer-te quantos dias tem o ano!...

* * *



TIPOS LISBOETAS

I — O policia... sinalero.

* * *

Entre amigos:

— Calcula que conheço um homem com tão bom coração que apanha todos os gatos que vê na rua!
— Sim? É em que se emprega esse benemérito?
— É dono dum restaurante!

* * *

A peguá...

— Sabes? Todos os pescadores têm de ser homens com muita paciência!
— Sério?
— Palavra! Olha, por exemplo, o Chamberlain é pescador!...



— Encontrei em ti a mulher que me compreendi!
— Com a alma gémea da tua?
— Não, querida. Com um pai merceiro.

* * *

Entre autores:

— Então, quantos actos tem a tua nova peça?
— Tem um!
— O, diabo! Não será muito!

* * *

No restaurante:

— Rapaz! Este bife é de sola e a faca não corta!
— Porque não experimenta afiar a faca no bife?...

* * *

Rasão forte:

— Doem-te os dentes e estás no escritório? Porque não vais para casa?
— É o vais! Meu pai é dentista!

* * *

No baile:

— Posso garantir-lhe que você é a primeira mulher a quem amei!
— Acredito. Já o tinha até desconfiado, pela sua maneira de fazer a corte...



— Eu vou-me a ti e desmancho-te!
— Então, espere um pouco, mizinha, enquanto eu vou lá dentro buscar a chave de parafusos.

* * *

Entre um humorista e um actor cómico:

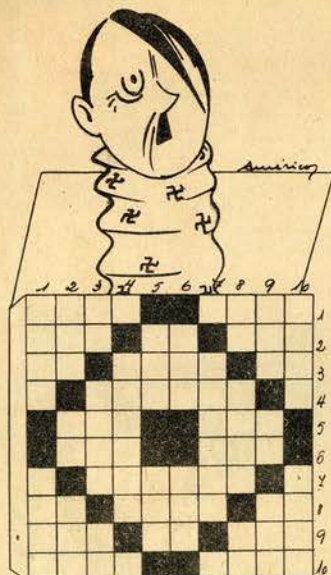
— Sabe? Disse-me que o senhor é um grande humorista! Há quem afirme que o senhor se pinta para ter graça!
— Tem piada! Pois a mim afirmaram-me que o senhor se pinta... para não ter graça nenhuma!

* * *

Entre actrices de revista:

— Que horas são?
— Je ne sais pas!
— O quê? Já é tão tarde!...

PALAVRAS CRUZADAS



Problema n.º 2

HORIZONTALS

1, amfíbio; serve; 2, Quem estragou meu violão de estimação? Foi...; patifa; a luz que nos alumia; 3, ali; esfolia; andava; 4, uma coisa que se vira; 5, tempêro; prende; 6, parte dos óculos; há sempre um...; 7, levar qualquer coisa; 8, parte do moinho; adoras; mais vale só que mal acompanhado; 9, ...que se faz tarde; aquilo de que todos temos as algibeiras cheias; põe-te a andar!; 10, uma coisa que as senhoras quase que já não usam; o que faz juntar muita gente, aos domingos a tarde.

VERTICAIS

1, mais vale sê-lo que parecê-lo; gostas; 2, fila; apêlido; exclamação; 3, uma coisa que vai ao fóro; quem a vê, não vê corações; safa, que me doeul; 4, planta medicinal; 5, ruins; nome de mulher; 6, amarra; casa; 7, Dispõe em camadas; 8, bichêlo (ao contrário); prender; abandonado; 9, bichinho que massa; artigo (plural); tempêro outra vez; 10, As malvadas!; quem a usa não se afoga!

DECIFRAÇÕES DO PROBLEMA N.º 1

HORIZONTALS

1, A, Risota, E; 2, Finalisa; 3, Odiado, 4, ousa; 5, asa, rá, mal; 6, gaz, es, olê; 7, es, al, 8, azedar; 9, abanar; 10 araras.

VERTICAIS

1, Soagem; 2, usas; 3, Rio, az, aba; 4, Indú, asar; 5, Sai, se, ena; 6, olá, as, das; 7, tido, mana; 8, aso, mó, rás; 9, sala; 10, balela.



CONSTA QUE...

O Négus pôs no prego a inseparável capinha.
— Se vai construir, no ano 2000, a ponte sobre o Tejo.
— O Hitler não pensa apoderar-se, por agora, de mais algum território.
— O Marcelino andou à bulha com o Neves por causa da Alice bêbada, isto é, que o Musso-lini andou à bulha com o Négus por causa de Adis-Ababa.
— O Marquês de Pombal está muito preocupado porque não sabe se a cauda é dele ou se é do leão.

Na berra ?

Filho dum grande actor, este Brazão senhor de igual talento e de grande alma, prefere aos loiros imortais de Talma, outro mister de representação.

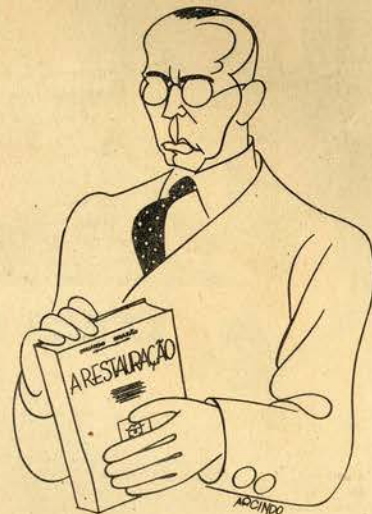
Prefere às palmas da plateia, a palma da Academia e é justa esta ambição. Ser diplomata!... eis outra aspiração que êle acarinha com nobreza e calma.

Seu «vient de paraitre», obra excelente que tem por título: — «A Restauração» bem merece a atenção de tôda a gente

que aprecia um bom livro, um livro escrito sem erros de semântica e a sancção da nossa Academia.

Tenho dito.

DIABRETE



DICIONARIO PITORESCO



- A**
- Aacretar** — Pôr um defunto na carrêta.
Aacelar — Operação aritmética que consiste em pôr o multiplicador sobre o multiplicando.
Aacaso — O melhor amigo das pessoas felizes.
Aacastelar — Hoje em dia, significa só bater claros.
Aacatado — Homem que não tem pulgões.
Aacabarder-se — Instalar as convicções debaixo do cama.
Aacobertar — Alisar a cobertura.
Aacocorer-se — Forma natural de examinar de muito perto um pequeno seixo.
Aapodado — O ideal para um rearmamento económico.
Aacogular — Tornar obêso.
Aacoirar — Dar lições de natação. (Deriva de «agua» e mar).
Aacoitada — Pessoa de quem outra teve pena.
Aapóites — Calorosos aplausos dos pais às proezas dos filhos.
Aacolá — O «lá» de quem não é músico.
Aacolchetar — Prover de pequenas colchas.
Aacolchoado — Pronto para tudo.
Aacolheder — Diz-se do homem ou do animal que se dispõe a proporcionar uma boa colhida.
Aacoll — Acolá, para uso de soprano ligeiros.
Aacolêto — Senhora que se fez gente.
Aacolher — A fêmea do garfo.
Aacometar — O léxico regista «acometedor», «acometimento», «acometido», e «acometível». — É vocábulo derivativo.
Aacompanhar — Estar sentado a um piano para abafar as fífias de um cantor.
Aaconepar — Termo beirão que significa, «si vera est fama», remendar grosseiramente.
Aacomegar — Acolchoar pessoas.
Aacondicionar — Fazer as malas de um Conde.
Aaconôto — Planta venenosa que pertence, sem conhecimento do autor dêste dicionário, à família das ramuscúlceas. Determina a existência do ócido «aconítico», do «aconitina», do «aconina» e do «aconitato». — São coisas que acontecem a muitas famílias.
Aaconseilhar — Armar em polícia sintoneira.
Aacontecimento — Coisa importante que sucede lá fora.
Aaconôto — Borboleta que anda de noite; assim chamada porque custa uma certa «conτία».
- Aaçorar-se** — Demorar-se em peregrinação pelos Açores.
Aaçores — Aves de rapina com uma ponta delgada.
Aaçorda — O pão nosso de há quinze dias.
Aaçórdam — Palavras que os juizes escrevem depois da sesta.
Aaçordar — Desistir de ter juízo.
Aaçorde — Masso de notas.
Aaçórdio — Derrota a que os dois contrários se resignam.
Aaçorentar — Coisa que se faz ao relêgio por não poder fazer-se ao tempo.
Aaçossado — Homem a quem curaram a comichão.
Aaçostar — Casar com o Costa.
Aaçostumar — Dar lições práticas de resignação.
Aaçoteia — «Nursery» onde se dão apóites.
Aaçotovar — A maneira humana de voar.
Aaçougue — A cadeira eléctrica dos que não têm culpa.
Aaçera — Medida de um campo onde há azêdes.
Aaçeditar — Termo náutico: — ir no bote.
Aaçriapado — Adulto com bibe.
Aaçriménia — Ácido peculiar dos críticos; basta fazer uma análise.
Aaçrisolado — Diz-se do amor que se vê sozinho.
Aaçrobata — Homem de antes torcer que quebrar.
Aaçta — Papel em que se escreve o que as pessoas deviam ter dito.
Aaçtivo — Feitas as contas, é igual ao passivo.
Aaçto — Culturo. Parte importante duma peça.
Aaçtor — Homem que diz o que os outros pensam, sente o que os outros escrevem, vive o que os outros imaginam, realiza o que os outros sonham — e não ganha nada com o quiosque.
Aaçtriz — Mulher extremamente «decorativa» — quando sabe bem o papel.
Aaçtuação — Função do dramaturgo e do estudante de direito: — fazer actos.
Aaçtualidade — Zona em que convergem as saídas de ontem e as esperanças de amanhã.
Aaçtualizar — Depilar os sobrancelhas da História.
Aaçuar — Para os feros, formar o salto. Para certos homens, retroceder.
Aaçuar — Pé mágico usado por nós no que sabe mal.
Aaçuona — Nome dado a uma febre do romantismo.
Aaçude — «Raposas» que um rio apañhou no seu curso.

(Continua no próximo número)

— Uma senhora francesa entrou no urinol do Terreiro do Paço, julgando que fôsse uma estação do «metros».
 — O túnel do Rossio vai ser destinado para abrigo contra os gases asfixiantes.
 — A mulher que está na frente da estátua do Marquês resolveu despir, agora, a camisa.

— O Saldanha ainda está a ver se chove.
 — Os gatos apanhados pela Câmara servem para encher chouriços.
 — Para se apanhar a carne barata, à quinta-feira, tem de se levar a cama para a porta do talho e deixar os calos em casa.

PENETRA



LARGO DA GRAÇA

A DESFORRA

Por JOSÉ DE OLIVEIRA COSME

Eram os hóspedes mais antigos da pensão; e, embora não fossem o que se poderia dizer dois bons amigos, tratavam-se com cordial deferência, guardando, reciprocamente, um frio respeito que os outros comensais debalde tentavam transformar em camaradagem.

Ambos caixeiros-viajantes, faziam o possível por escolher itinerários diferentes, para evitar encontros que a concorrência tornaria desagradáveis, visto que lidavam com o mesmo ramo de negócio.

Assim, quando o inglês pensava em explorar o sul do país, achava sempre forma de, naturalmente, como quem não quer a coisa, durante as inspidas conversas que acompanhavam as refeições, manifestar os seus intentos, para que o alemão, avisado desta maneira, deitasse as vistas em sentido oposto.

Oitas vezes, acontecia o contrário: era o alemão quem falava primeiro, obrigando o colega a contentar-se com o terreno que lhe deixava livre.

Numa das suas viagens, o inglês esqueceu-se, por momentos, do seu papel de vendedor, deixou-se prender por uns olhos feiçozeiros, e acabou por adquirir sessenta e tantos quilos de mulher, com pouco ósso, em belo estado de conservação, a despeito dos «caldinhos» que, segundo as más-linguas, já tinha dado...

Trouxe-a para a pensão, e a vida continuou a decorrer como até ali.

Um belo dia, os jornais começaram a apare-

cer com grandes títulos na primeira página... E, à hora do almoço, quando a criada, como de costume, colocou a travessa da comida no meio da mesa, o alemão tossiu com importância, atira-se ao maior e melhor bocado, e, ante a surpresa do colega e da consorte, declara laconicamente:

— Anexação!

O inglês, mal refeito do seu assombro, enguliu em seco, mas acabou por nada dizer, contentando-se com o que ficara na travessa.

Três dias depois, repetição da mesma cena: «

Quando o inglês se preparava para trinchar um esquelético frango descorado com batatas, o alemão pigarreou com força, avança, decidido, de faca e garfo em riste, e, retirando para o seu prato o quinhão mais avantajado, exclama:

— Anexação!

Dessa vez, o fiel súbdito de Sua Majestade empalideceu, esboçou um movimento de revolta, mas conteve-se e guardou silêncio...

Entretanto, o outro banqueteara-se opiaramente, lançando, de quando em quando, um olhar de desafio ao seu colega, como quem diz: — «Isto agora é outra loiça!»

Mais alguns dias transcorridos, o alemão voltou a fazer das suas:

Dos seis ovos estrelados que vieram para os três, apoderou-se de quatro, e rematou a façanha com a palavra do costume:

— Anexação!

No rosto do inglês transpareceu toda a cólera de que estava possuído... Porém, dos seus lábios crispados, não saiu a mínima objecção...

Nessa tarde, o inglês regressou mais cedo à pensão.

Quando se dispunha a abrir a porta do seu quarto, ouviu duas vozes no interior: a da mulher e outra que lhe pareceu a do alemão...

Espreitou pelo buraco da fechadura...

Pé ante pé, voltou para trás e tornou a sair.

Já estavam todos à mesa, quando ele, imperturbável como sempre, ocupou o seu lugar, em frente do alemão; e, até ao fim do jantar, não pronunciou palavra.

Nesse dia, a sobremesa constava de bananas: uma para cada pensionista.

A vista dos apetitosos frutos, o alemão deitá-lhes a manáplua, e, colocando todas no seu prato, exclama:

— Reivindicações coloniais!



Então, o inglês ergue-se, num repente, e, sacando uma pistola, despeja o carregador sobre o colega...

Comentário de um outro hóspede, velhote e malicioso, que comia numa mesa à parte:

— Eu sempre disse que o inglês havia de tirar a desforra, quando estivesse armado...

DE PORTAS A DENTRO

Hora oficial

Como qualquer país adiantado,
Lisboa tem as horas oficiais,
Mas o nosso Destino, o nosso Fado,
Que nos não deixa aos outros ser iguais,
Exigiu que o Relógio que as marcasse
Não pudesse ser visto face a face,
Como os relógios doutras capitais.

Alguém quer saber a Hora Cecta?
Tem que descer a Rua do Alecrim,
Correr em frente,
Olho aberto, ouvido alerta
E passar junto ao Duque da Terceira.
Se não fizer assim
E tiver por acaso algum parente,
A família que trate de enterrá-lo;
Porque não é brincadeira!
De Oeste surge um cavalo,
Vem da direita um Buick,
Da esquerda um caminhão,
Dois eléctricos surgem na ladeira;
De Sueste, um carro enorme,
E, nesta confusão,
Quem pensar atravessá-lo,
Ao tal espaço em questão,
É milagre que não fique,
Por querer indagar às quantas anda,
Ou feito em massa disforme,
Ou cortado em duas partes,
Uma para cada banda!

O relógio não se rala,
No seu cantinho escondido
Com o seu boné de pala
Sem que mais nada lhe importe,
Lá vai andando, marcando
O minuto oficial,
Um minuto que, afinal,
Parece a Hora da Morte!

JOÃO ZERO



Sua Ex.^a



O poeta Afonso Lopes Vieira A ENTREVISTA DA SEMANA

Um dia um poeta que se vangloriava nos seus versos de só viver de pétalas de rosa, foi surpreendido a comer, como qualquer simples mortal, orelheira com feijão branco. O caso foi falado, discutido, comentado — e esse poeta, cujo prestígio vivia, essencialmente, da aureola ideal que o rodeava, perdeu por completo a sua reputação literária, negaram-lhe o talento, os seus mais fervorosos admiradores voltaram-lhe as costas e o público deixou de o ler. Falira porque as suas palavras não correspondiam aos factos. A realidade matára o espiritualismo sob a forma vil da matéria. A orelheira afogára a poesia sob a calda espessa do feijão. Não. O poeta, verdadeiramente digno deste nome, não pode deixar de ser poeta — mesmo em pantufas. A sua vida tem de obedecer ao ritmo metódico dos seus versos — e à alma harmoniosa que constitui a essência da própria Poesia. É o caso de Afonso Lopes Vieira. Tudo nêle é escolhido, medido, ritmado: as ideias e as gravatas, os versos e as polainas. Uma manhã o poeta das *Ilhas de Bruma* saía de casa para o combóio. Antes de sair, porém, aproximou-se, como de costume, do espelho do bengaleiro, a dar os últimos retoques na *toilette*. Compôs ainda o colarinho, o monóculo, o chapéu de côco, mas, de súbito, reparou que uma nódoa imprevista alastrava visivelmente sobre uma das bandas do jaquetão. Empalideceu. Como poderia êle sair à rua naquele estado, com aquela nódoa paradoxal contrastando com a elegância impecável do conjunto! Quiz mudar de fato; viu as horas: já não tinha tempo. E, então, para que aquela mancha boémia não destoasse do resto ou, melhor, para que o resto se harmonisasse — oh! sempre o ritmo! — com aquela mancha boémia, deu um piparote no chapéu... Este, sim, é um poeta. Poeta na linha impecável dos seus versos — e na linha imperturbável da sua vida. É vê-lo, em plena rua, lento, etéreo, quasi imaterial, caminhando em êxtase como uma estátua esguia. Aquilo que muitos supõem *pose* é simplesmente ritmo. Comendo, bebendo, fumando, dormindo, conversando, de *pijama* ou de *frack*, de côco ou de barretinho de noite, na vertigem do Chiado ou na tranqüilidade da sua casa, é sempre o mesmo. Ninguém diz, *tout cour*, o dr. Afonso Lopes Vieira: diz-se o poeta Afonso Lopes Vieira...

É, por consequência, o poeta que eu procuro idealmente — e é o poeta que idealmente eu encontro, na penumbra dourada do seu gabinete de trabalho, rodeado de livros, um pouco exilado do mundo como todos os poetas.

— Uma entrevista...

— Mas ainda acredita que os poetas tenham voz?

Respondi-lhe que sim e animado por esta afirmação sincera, o autor do *Pão e das Rosas* dispôs-se gentilmente a responder às minhas perguntas. O sol entrava a jôrtos pelas largas janelas envidraçadas. Sobre a mesa, numa jarra azul, de faiança, abria, como uma boca fresca, um ramo de flores.

— O que pensa do Universo?

— Isso é uma pergunta mais para um filósofo do que para um poeta. Entretanto, vou dizer-lhe o que penso. Fuma? Então aqui tem um cigarro dos meus... Na minha opinião o Universo gira hoje em volta de dois polos: a *mise-en-plis* e a *mis-en-marche*. Repare que no mundo actual tudo é encaracolado — ou vertiginoso. Ao lado da máquina de voar, inventou-se a máquina de fri-

sar. Ao delírio da velocidade temos de acrescentar o delírio da ondulação permanente. Tudo, hoje, sobre a Terra, é dominado por duas grandes forças que se completam: o movimento — e os *bigoudis*; a *mis-en-plis* — e a *mis-en-marche*...

— Qual, então, o papel reservado aos poetas?

— Fugirem do mundo e morrerem de fome, enclausurados na sua torre de marfim ou transgirem com o mundo, fazendo-se *chauffeurs* ou cabeleiros...

— Não acredita, pelo que oiça, na vitória final da Poesia?

— Acredito, mas, bem vê, eu sou poeta e os poetas só acreditam no que está longe...

O telefone retiniu. Afonso Lopes Vieira afas-

tou-se uns momentos para o atender.

— Uma senhora que me pede um autógrafa para um *album*. Uns versos!

— As mulheres nunca esquecem os poetas, não é verdade?

— Como as pulgas, meu amigo, que se aproximam dos homens não para os admirar, mas...

— ?

E o poeta terminou a frase, a frase que foi também o final da entrevista:

— Mas... para os morder...

LUIS D'OLIVEIRA GUIMARAIS



A ARVORE DA PAZ

Desenho de
J. Valério

A BOLA É REDONDA



Já está por pouco o Campeonato Nacional de Futebol. Mais dois domingos e lá temos o F. C. do Pôrto arvorado em Conquistador de Portugal e Algarves, nas lides da bola.

Nunca um torneio despertou tão pouco interesse como este que está quasi a dar as ultimas.

De futuro, seria bom que as entidades dirigentes e directivas do futebol português, tomando na devida atenção os prejuizos de bilheteira que podem advir da ascensão prematura dum clube, obrigassem os árbitros a serem mais *escrupulosos* nas suas decisões, cortando tôdas as avançadas aos jogadores dos clubes em destaque nos primeiros lugares; e até, se fôsse possível, applicar-lhes umas pequenas penalidades...

Só assim se conseguiria tornar os campeonatos mais equilibrados e levar o público ao engano...

Há vinte anos apontavam-se a dedo as senhoras que assistiam a um desafio de futebol: era o lá vem uma!

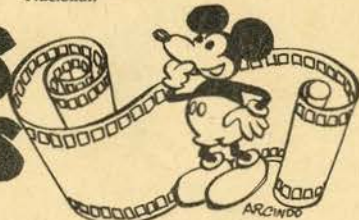
Actualmente, entre o público sofredor do nosso futebol, as senhoras formam um contingente apreciável e bastante animador, porque são elas, só elas, quem mais animam os jogadores.

E não nos admiremos de, em breve, ouvirmos as damas gritar, no decorrer dum Benfica-Sporting:

— «Arreia-lhe agora... Parte-lhe as canetas... O que o árbitro precisava era comer com uma garrafa na cabeça!... Bandidos!...»

Vocês vão ver... e ouvir!

BONECOS ANIMADOS



O cônsul alemão em Los Angeles, protestou junto de vários estúdios de Hollywood, contra o facto de estarem em preparação vários filmes sobre a actividade dos espíões nazis nos Estados Unidos. E ameaça a América com represalias das autoridades alemãs sobre a entrada de tôdas as produções norte-americanas na Alemanha!

Segundo parece, porém, as filmagens dos referidos assuntos continuam... Era só o que faltava! Depois da guerra com armas na mão e da luta económica surgem as batalhas de fitas!

E logo de celuloide, — que é uma coisa que arde com tanta facilidade...

O Director Allan Dovan, preparou, com todo o cuidado, uma cena que representava a redacção dum jornal, cobrindo o chão com papéis, pontas de cigarros, etc.

Depois, saiu para almoçar e, ao regressar, encontrou o chão varrido e tudo num notável estado de asseio!

Tinha sido obra do porteiro do estúdio, — um funcionário exemplar, como se vê!...

Em Hollywood, certa vedeta foi convidar outra para testemunha do seu casamento.

E, como a outra lhe perguntasse — «para que serão precisas as testemunhas?» — ela explicou:

— É que, senão houver testemunhas, ninguém acredita nos casamentos que se anunciam!...

Lucile Le Seure, ou antes Joan Crawford, gabava-se de ser uma exímia bailarina, a-pesar-de nunca ter recebido lições de dança.

Olhem que admiração!

Então nós não temos por cá esplêndidos galãs de cinema... que nunca aprenderam a representar?...

E já que estamos com as saias às voltas, perguntamos: — Porque não entram também as senhoras para o Colégio de Arbitros?

Quere-nos parecer que, com uma *senhora* a arbitrar um Benfica-Sporting ou um Pôrto-Lisboa, nem o público — que nesta altura seria um respeitável público — nem os jogadores teriam coragem para insultar ou agredir o árbitro...

Sim, porque numa *senhora* não se bate, nem com uma flor!

O mais que lhe podiam fazer era chamar-lhe: — Riquezas da sua avó!

Com uma *senhora* a arbitrar um desafio de futebol, até se perdia com prazer!

Aproveitem o alvitre, ó senhores dirigentes!

Ao senhor Cândido de Oliveira, ou a qualquer outro senhor futuro seleccionador da equipa nacional de futebol, aconselhamos a constituição da seguinte linha:

Guarda-redes: Jesus; defesas: Quaresma e Pascoal; médios: Pedro, Baptista e Santos; avançados: Cruz e Espírito Santo. (Os três lugares que falta preencher podem ser ocupados por Espírito Santo... que vale bem um quinteto avançado).

Com estes nomes — porque bastam os nomes — nem o Diabo seria capaz de vencer a Selecção Nacional!

Quando Jean Muir visitou San Francisco, desejou estar em paz e registou-se, no Hotel, com o nome de Jean Fullerton.

Esteve ali, de facto, umas semanas tranqüilas, mas o pior foi quando, ao retirar-se, pagou a conta com um cheque assinado *Jean Muir!*

Por pouco a *vedeta* não foi parar à cadeia, acusada de ter falsificado, — a sua própria assinatura!

Diálogo no café:

— Então quando começam eles a filmar os velhos? Há que tempos que vêm anunciando!

— Que queres... Estão à espera que eles envelheçam mais, o que valorizará com certeza o filme!

Greta Garbo escreveu, algures, um pensamento que deve definir bem o aborrecimento de muitos *astros* pela publicidade que lhes fazem:

— «*Considero de grande importância a forma como interpreto os papéis, mas creio que ao público não deve interessar a marca de sabonetes que uso para o banho*»...

Buster Keaton, o infeliz *Pampinas*, nasceu durante um ciclone, no momento em que seus pais representavam numa *troupe* de saltimbancos! Será essa a causa de Keaton nunca rir!...

Segundo uma revista norte-americana que temos presente, os dirigentes do cinema de Hollywood estão procurando, activamente, novos *astros*.

E se eles dessem uma voltinha pelo *Paladium*?...

JOAO NEGATIVO

Um amigo nosso, que nunca gostou de fazer má figura, foi sócio do Benfica, quando este clube ganhou o Campeonato da Liga; depois passou para os *Leões*, quando estes ganharam o Campeonato de Portugal; e agora, como o Pôrto vai à cabeça, já meteu proposta para sócio do futuro campeão.

E agora, uma pergunta: — «Para que clube irá o nosso amigo, no final da *Taça de Portugal*? Se calhar... vai para o *Casa Pia*...»

ZÉ DO PIAO

LIVROS

A LIVRARIA BERTRAND, a mais antiga do País, Rua Garrett, 73 e 75-Lisboa, remete pelo correio, à cobrança, todos os livros que lhe sejam pedidos, nacionais ou estrangeiros.

Remete-se Catálogo grátis.

SEVERA

(Maria Severa Onofriana). 1820-1846. — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque. — A vida na Mouraria. — A boémia doirada. — O retrato da Severa. — Doença e morte. — A vida comum, por *Júlio de Sousa e Costa*, 2.ª ed. 1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa e capa ilustrada, do pintor Roberto Santos, br., 8\$00

Lêde a «Severa» e conhecereis a alma generosa da grande fadista da Mouraria, os seus amores com fidalgos e plebeus, as suas quantidades, os seus versos, a sua canção! Como viveu e como morreu a Severa do tado e do amor.

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 75 LISBOA

A saúde a três de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por J. P. MULLER

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoável, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

EFICAZ E BENEMÉRITO

Verdadeira fonte de saúde e bem estar físicos e morais

1 vol. no formato 15x23, de 126 págs., com 119 grav. explicativas, broc. 8\$00; enc. 13\$00

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

CEGA-REGA TEATRAL

Goza popularidade certa «estrêla» conhecida, que vai ali ao «Trindade» e volta já ao «Avenida»...

Lá governa a sua vida com gosto e habilidade. Veio agora do «Avenida» e logo vai p'ró «Trindade»...

Tem valor como nenhuma, — faz livros, teatro e fitas! — Também faz caras bonitas... Pelo menos já fez uma...

Uma que é belo bocado muito fresco e nada mau!... (Nem sei como há Meneláu que possa andar descansado!)

Mas deixem-na em liberdade que ela vai à sua vida. Dá um saltinho ao «Trindade» e volta já ao «Avenida».

Adivinharam de-certo... (Tenho um jeitão p'ra retratos...) Ei-la, que está aqui perto! É Dona



ARQINDO

É anafado e gordinho, baixote, bonacheirão e faz rir o Zé Povinho e o Visconde e o Barão. E gosta muito de grão e da Luisa Durão. Se lhe dão um papelão, vestido de mulherão, tem imenso piadão, este grande matulão!... Canta com voz de mulher tôdas as vezes que quer. Sabe imitar, (e não cora) com grande talento e graça, certos meninos de agora que são mesmo uma desgraça! Canta modinhas de estalo e também dança à espanhola; ninguém consegue imitá-lo no jeito da castanhola... Tem várias aptidões e faz de várias idades. Por tantas variações passou p'ró «Variedades». Sabe *mamar* menos mal se às vezes faz de petiz, e agora no «Eh! real» é *mana* da Beatriz! Nada custa a perceber esta simples adivinha; quem fôr ao «Parque Mayer» encontra logo o



ARQINDO

As 3 pancadas de... Moliere

O velho Apolo que teve durante muito tempo um cartaz para demolição, deixou finalmente de ser Teatro, para dar lugar a uma casa de pasto popular, sucursal do conhecido João do Grão.

O *menú* da casa não é de grande *sustância*. Os pratos são os mesmos de sempre. Muitas *sôpas*... *disfarçadas de girls*, poucos peixões, bastantes espinafres, e neves... para a *sobremêsa*. Comida com pouco sal e nenhuma pimenta. O serviço de revista à lista já não tem ementa possível.

Para comemorar a abertura, foi servido em duas séries — com no comboio do Pôrto — um *banquete aos esfomeados das premiêres*, amigos e imprensa, mas que, como de costume depois de comerem e baterem as palmas a mandar vir mais, vieram cá para fora pôr os cozinheiros pelo... Ruas da Amargura.

O *banquete* não foi comprado mas enfiado à assistência... Começou por *horx-d'oeuvres* esquisitos, compostos por massas coristais, e quatro pastelões... a fingir moinhos de vento, mas com farinha de segunda; dois nacos de carne de cavalo de papelão com recheio que não era carne nem peixe, uma *lasquinha de carnezita aux Bert* com mólho americano, e uma brôa caracterização de Farello da marca Ruas. É servida então a *sôpa* num prato de comédia, com alguma pimenta mas ligeiramente águada. Os clientes não conseguem aquecer.

A seguir vem um prato de *Râvel* com mólho branco... e preto, mas como tem muitas espinhas, ninguém bate as palmas a repetir.

O *assado* é servido pelo próprio João do Grão, no prato da... rua. Ao meio, uma *Rábula*, muito bem cozinhada, segundo a arte culinária de Alvaro de Almeida, e que embora seja preparada

«com coisas que não estão certas», é o forte dêste prato. Os clientes ficam satisfeitiçimos, a *lamber-se* por mais, batem as palmas mas... como era bom, acabou-se. A acompanhar, cinco espargos ao natural com uma tronchuda à frente (couve Tereza aos Gómos), uma *malaquêta* cozinhada à moda de Tuy, e umas óvas de peixes, vindos das eternas neves, sem vós saberdesse como chegou a este canto tão pequenino... da terra.

Depois houve um grande intervalo antes que fosse servida a *sobremêsa*, os queijos, o café e os vinhos doces.

Cafés houve de três marcas; da Brasileira, um café um bocado chalado; café *Olé* como se bebe em Espanha, com leite quasi naturalizado português, e café à moda do Pôrto, muito bem feito pelo Alfredo especialista em dar *cafés*... em todos os *rabulistas*. O doce... foi quasi um sorvete de... Neves, mas a-pesar de muito adocicado e terem oferecido mais, porque ainda *havia*... são poucos os que pedem mais. Do *bar*... vêm vários queijos, de diversas marcas e feitos sendo muito apreciado o *Sapateado* de Pereira, saboroso e que despõe bem. As *sobremesas* são servidas numa salinha a imitar o Retiro da Severa: uma *ginja* tôda fadista, que os *comensais* não apreciam por ser ligeiramente azêda; *passas* do Algarve (porque passa Carmencita para cantos e fado) e, um *compêre*... e *pêras*.

No final Vinhos do Pôrto e os mais espirituosos licôres da afamada e inextogável marca Alvaro Pereira.

A-pesar do *menú*, os fregueses saiam com fome, e — *más linguas ao falar* da revista — a dizer que o João do Grão afinal lhes tinha apresentado uma... *meia desfeita*.

O ELEC... TROCISTA DA CENA

PAIZAGEM NAZI



— «Deixai vir a mim os pequeninos!»

Baixita, alegre, morena, anda sempre num vai-vém. Tem talento esta pequena! Não há dúvida que tem!

Em género algum é fraca! Fez a «Casaca Encarnada», completa e perfeita artista! Depois... *virou a casaca*, e foi cantar na revista...

Nem magra, loira, nem alta. Simpática e pequenina. Quando surge na ribalta é uma *flor*... *que ilumina!*...

Se digo mais — ('stás a ver...!) digo tudo — *catrapuz!* Adivinhe quem quiser! Viva a D.



ARQINDO

Ora viva lá você! Venha um aperto de mão! Então que tal? Na *tournée* a coisa rendeu ou não?...

Agora, para começo venha um abraço de truz! Já sei que fez um sucesso em terras de Santa Cruz!

Não há «tipo» que resista pois ele, como ninguém, tem um jeitão p'ra revista! Palavra d'honra que tem!

Com sua voz muito rouca e o seu gesto pessoal, saí-lhe a piada da boca e a gargalhada é... *geral!*...

Têm-no ouvido cem mil almas, pois trabalha todo o ano e se leva poucas palmas, o a... «Desculpa, ó Caetano!...»

Nunca regista um fiasco, tem talento, é rijo e têsso; trabalha, às vezes, com o Vasco que é um *artista*... de *pêso!*

Um hurrah do coração, nesta quadra pequenina, ao nosso Napoleão, mais à sua Josefina! No papel, a minha pena, de extenuada, já silva... — Acaba de entrar em cena (hein?... isto aqui foi mesmo p'ra rima...)

O actor



ARQINDO

A eloquência de Miajas:



—«YO NO HUYO!»